

**UM ESTUDO SOBRE PERCEPÇÕES DE PROFESSORES-
EDUCADORES:
A AUTONOMIA E A UTILIZAÇÃO DE NTDIC
EM UM CONTEXTO MULTILÍNGUE DE NÃO IMERSÃO**

**A study about teacher-educators' perceptions: autonomy and use of
ICT in a non-immersive multilingual context**

DUARTE, Gabriela Bohlmann

OLIVEIRA, Luciani Salcedo de

SANTOS, Nádia Carolina Chrispim dos

FATTAH, Wendy

Resumo: Este artigo apresenta dados, coletados em 2018, referentes às percepções de professores educadores de língua inglesa, atuantes no ensino público superior, sobre a autonomia de seus alunos, os usos das tecnologias digitais em suas aulas e as possíveis vantagens desse uso tanto para o aprendizado de inglês, quanto para o desenvolvimento da autonomia. Embora o uso das tecnologias digitais seja considerado importante para estimular a aprendizagem autônoma do inglês, a maioria dos discentes não é considerada autônoma. Há indícios de que a autonomia possa ser mais estimulada nas aulas, para que os alunos consigam aproveitá-la melhor para o estudo de inglês.

Palavras-chave: Autonomia. Novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. Aprendizagem de Inglês.

Abstract: This article presents data, collected in 2018, regarding the perceptions of English professors, working in a Brazilian public university, on the autonomy of their students, the uses of digital technologies in their classes and the possible advantages of this use for both learning English and developing autonomy. Although the use of digital technologies is considered important to encourage autonomous learning of English, most students are not considered autonomous. There are indications that autonomy should be more stimulated in class, so that students are able to make better use of it for the study of English.

Keywords: Autonomy; New Digital Information and Communication Technologies; English Learning.

INTRODUÇÃO

Com o atual desenvolvimento tecnológico, temos tido a chance de qualificar recursos humanos, além de gerar e otimizar processos de trabalho e de interação. Com isso, a utilização da internet tornou-se indispensável em nossa sociedade. Os recursos multimodais e midiáticos têm sido aprimorados e um conjunto deles tem sido utilizado para o compartilhamento e a disseminação de informação. Esses recursos têm sido nomeados como: Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) ou Novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (NTDIC), entre outros, dependendo da ênfase escolhida pelos usuários¹.

A partir desse avanço, as NTDIC vêm se tornando não somente um meio mais rápido e eficiente para o compartilhamento de informações, mas também ferramentas importantes para o ensino e a aprendizagem em geral. A partir delas, é possível não só acessar plataformas digitais, fazer o *download* de aplicativos e propiciar as interações em pares ou grupos, mas também produzir conteúdos diversos, incluindo atividades para o ensino e a aprendizagem. As competências necessárias para uso dessas plataformas, bem como para criação de conteúdos e para a interação, são enfatizadas em documentos oficiais que regem a educação básica no Brasil, como a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018).

O uso das NTDIC, ao possibilitar novas formas de adquirir conhecimento, também auxilia e demanda o desenvolvimento da autonomia em relação ao ensino e à aprendizagem de línguas (MOTA, 2017; CHIK, 2018). Segundo Little (1991; 2007), a autonomia é uma capacidade humana universal. Porém, embora todos possam desenvolvê-la, ela pode também ser estimulada, a fim de que seja usada para fins específicos. Na aprendizagem, em geral, a autonomia tem um papel fundamental. Para Dickinson (1994), a autonomia refere-se à atitude do aluno perante a sua própria aprendizagem, de modo que ele passa a se envolver na tomada de decisões necessárias para que esse processo ocorra.

¹ Neste trabalho, assim como na pesquisa desenvolvida, optamos pelo uso do termo Novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (NTDIC).

Em diferentes vieses teóricos com relação à aprendizagem de línguas, a autonomia é considerada uma característica necessária, especialmente para graduandos de cursos de Licenciatura em Letras com habilitação em línguas estrangeiras ou adicionais (MARTINS; MACIEL, 2010; SILVA, 2015; RODRIGUES, 2016; NICOLAIDES; MAGNO, 2017). Ao se pensar na relação entre o uso de tecnologias e a autonomia discente para a aprendizagem de línguas (MOTA, 2017, CHIK, 2018), entende-se que podem desempenhar um papel importante não só nesse processo de aprendizagem, mas também na formação de professores.

Partindo desses aspectos, o estudo da autonomia com relação ao uso das NTDIC surgiu de uma pesquisa desenvolvida no contexto do Curso de Letras Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e suas Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa - Campus Bagé. Vale ressaltar que o curso prioriza a formação do professor para o ensino de inglês e de espanhol, como línguas adicionais, em contexto multilíngue de não imersão (UNIPAMPA, 2019).

Com base neste contexto, a pesquisa apresentada neste artigo partiu da perspectiva de oito professores educadores de língua inglesa do referido curso. Os dados foram coletados a partir da condução de uma entrevista semi-estruturada com oito perguntas abertas, gravadas em áudio, com objetivo de averiguar: 1) se os docentes consideram seus alunos autônomos; 2) de que formas os docentes do curso instigam/despertam a autonomia em seus alunos; 3) se os professores utilizam as Novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (NTDIC) em suas aulas; e 4) se, na opinião dos professores, o uso das tecnologias pode auxiliar o aprendizado de uma língua adicional e no desenvolvimento da autonomia.

Neste artigo, à luz de conceitos teóricos, apresentaremos a análise e a discussão dos dados gerados, a fim de atingir os objetivos acima. Na seção a seguir, apresentaremos os trabalhos que embasaram teoricamente nossa análise e discussão de dados.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, abordaremos os seguintes tópicos: as Novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (NTDIC) (CARDOSO, 2016; RAMOS, 2011), a definição de autonomia (HOLEC; 1981; LITTLE, 1991; 2007; DICKINSON, 1994, PAIVA, 2006; FRANCO, 2013), a relação entre autonomia e uso de recursos digitais (MOTA, 2017; CHIK, 2018), e o papel da autonomia e das NTDIC na formação docente (FONTANA, 2008; BENSON, 2008; BRASIL, 2018). Tais tópicos serão divididos em subseções a fim de serem revisados a partir de suas particularidades.

2.1 Novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

Ao se pensar nas Novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (NTDIC), e nas relações entre sua utilização e o desenvolvimento da autonomia discente, acreditamos que seja relevante pensar na definição de tecnologia. Segundo Ramos (2011),

As tecnologias, muitas vezes, são associadas no senso comum àquilo que há de mais avançado, como, por exemplo, o computador, o chip, o robô. Porém, a tecnologia refere-se, de modo geral, aos instrumentos desenvolvidos pelo homem que têm alguma função utilitária, simbólica ou ornamental e que agregam socialmente significados e sentidos cognitivos. Assim, incluem instrumentos cotidianos muito simples, como a faca, o lápis e o papel. (p. 46).

Logo, entendemos que as tecnologias, sejam elas digitais ou não, tem uma função social. As NTDIC são, para Cardoso (2016), as tecnologias móveis ou não, que podem auxiliar na comunicação, na transmissão e no compartilhamento de informações por meio da internet. Além disso, a autora enfatiza alguns exemplos acerca do uso das NTDIC, como: computadores de mesa em geral, *laptops*, *net/notebook*, *smartphones*, celulares, *tablets* com acesso à internet, *smartboards* e projetores multimídia.

Dessa forma, as NTDIC englobam aquelas tecnologias que têm a característica digital e servem para informar e comunicar, sendo meios de interação que vêm sendo muito utilizados. Ainda, de acordo com Ramos (2011), os recursos tecnológicos, quando postos juntamente com os espaços de aprendizagem conectados à internet, promovem a interação entre os estudantes por meio de vídeos, reportagens, postagens em redes sociais, atividades presentes em aplicativos, entre outros, como forma de

ampliar e estabelecer comunicação, a transmissão e o compartilhamento de informações. No mesmo sentido, Cardoso (2016) aponta que todos esses instrumentos tecnológicos podem ser utilizados nas próprias instituições de ensino, ou fora delas, por professores e alunos para auxiliá-los no processo de ensino-aprendizagem.

2.2 Autonomia

A autonomia refere-se à capacidade de tomar decisões por conta própria. Ao pensar nos processos de ensino e aprendizagem, retomamos que, para Holec (1981), o estudante autônomo é aquele capaz de tomar conta das suas próprias decisões de responsabilidades de suas ações enquanto estuda. Já segundo Little (1991), a autonomia é o processo de tomada de decisões e as ações de modo independente. O autor enfatiza que a essência de um aprendiz autônomo é voluntária, pró-ativa e reflete no envolvimento em sua própria aprendizagem.

Além de defender que a autonomia refere-se à atitude do aluno perante a sua própria aprendizagem, Dickinson (1994) afirma que a autonomia pode ser desenvolvida se ela for legitimada e ensinada, de modo que os alunos compreendam que são capazes de aprender de forma independente (DICKINSON, 1994, p.12). A autora argumenta, assim, que a autonomia deve ser ensinada em sala de aula e deve ser considerada importante não só pelo aluno, mas também pelo professor.

Além disso, é possível destacar que, a partir do paradigma da complexidade, a autonomia é considerada um processo (PAIVA, 2006; FRANCO; 2013). Nessa perspectiva, entende-se que ela relaciona-se com outros sistemas complexos, como a aprendizagem de línguas e a motivação, e “expressa o dinamismo de um aprendiz que, através de constante autoorganização do sistema, consegue manter ativas as interações com diversos outros componentes da aprendizagem.” (FRANCO, 2013, p.137). Logo, com base nesse paradigma, entende-se que o desenvolvimento da autonomia pode estar relacionado a diversos fatores, os quais podem ser individuais ou contextuais. Ainda que ela seja ensinada em sala de aula, há fatores externos que podem influenciar na sua manifestação, como, por exemplo, a relação entre o aluno e a escola ou o professor ou

os colegas, entre o aluno e os conteúdos, entre o aluno e a sua motivação para estudar ou aprender.

2.3 Relação entre autonomia e uso de recursos digitais

A partir do que foi apontado sobre NTDIC e sobre autonomia, apresentamos, a seguir, alguns trabalhos que relacionam a utilização de recursos digitais com a autonomia discente para a aprendizagem de línguas.

Mota (2017) investigou as interações ocorridas, através do aplicativo *WhatsApp*, com um grupo de cinco aprendizes de inglês, vinculados ao Projeto de Extensão do Curso de Línguas Aberto à Comunidade/UFRJ. Segundo Mota (2017), a aprendizagem móvel “pode ser definida por meio do uso sem fio de um dispositivo eletrônico o que nos mostra a noção de que a aprendizagem pode ocorrer em qualquer lugar.” (p. 151). Em sua pesquisa, foi averiguada a ocorrência de participações espontâneas de aprendizes e o compartilhamento de textos multimodais (vídeos, fotos) entre os alunos, voltados à aprendizagem de inglês (MOTA, 2017).

Chik (2018) apresenta um trabalho de pesquisa relacionando a autonomia de aprendizes de línguas com práticas digitais. A partir de uma abordagem auto-etnográfica, a autora examinou anotações referentes ao seu próprio processo de aprendizagem de italiano, alemão e inglês através do aplicativo/*Website Duolingo*. A autora define cinco dimensões de um quadro de aprendizagem²: localização, formalidade, pedagogia, *locus* de controle e trajetória. Tais dimensões referem-se: ao local em que a aprendizagem ocorre, seja ele físico ou virtual; à medida/ao nível de inserção da atividade desenvolvida em programas institucionais para aprendizagem; à medida de instruções, progressão estrutural, explicação explícita e avaliação que a atividade apresenta; ao nível de direção que o aprendiz ou outros dão para a realização da atividade e, por fim, ao controle que os aprendizes apresentam da realização das atividades ao longo do tempo. Essas dimensões podem ser relevantes para examinar a relação entre práticas digitais e o desenvolvimento da autonomia do aprendiz (CHIK, 2018).

² No original: “Learning framework” (CHIK, 2018).

A autora, a partir da definição de autonomia do aprendiz como a capacidade de tomar/assumir/ter responsabilidade pela própria aprendizagem (HOLEC, 1981, p. 3 apud. CHIK, 2018, p.75), afirma que, ao se pensar em contextos externos à sala de aula, há dois direcionamentos que o aprendiz deve ser capaz de seguir: “primeiro, a habilidade de ter/tomar responsabilidade por sua própria aprendizagem através de práticas digitais e no mundo digital, e segundo, a habilidade de ter/tomar responsabilidade em termos da aprendizagem da língua”. (CHIK, 2018, p.75).

Assim, percebemos a utilização das tecnologias digitais aplicadas à aprendizagem de línguas como um reflexo do comportamento autônomo dos aprendizes. Além disso, devemos considerar que, nesse caso, não se lida apenas com a autonomia do aprendiz de línguas, mas também com a autonomia do usuário de dispositivos digitais, o qual busca e escolhe plataformas e materiais para tal finalidade.

2.4 O papel da autonomia e das NTDIC na formação docente

Outro aspecto relevante é o papel da formação/trabalho com a autonomia e com as tecnologias digitais. Segundo Fontana (2008), o professor-educador tem um papel importante em fornecer condições para que a construção da autonomia dos professores em formação seja bem-sucedida. Porém,

para que o professor-aluno se torne autônomo, um fator se impõe desde o início do processo: seu envolvimento e comprometimento com ações que dele exigem responsabilidade cada vez maior na construção do conhecimento, no desenvolvimento de visão crítica da realidade, na tomada de decisões e nos julgamentos que precisará emitir. (p. 14).

Dessa forma, podemos afirmar que o desenvolvimento da autonomia é um processo de duas vias, tanto por parte dos professores-educadores quanto por parte dos professores em formação, a fim de que o envolvimento e o comprometimento com as ações voltadas à aprendizagem ocorram continuamente. Assim, em sala de aula, os alunos podem já assumir a responsabilidade e a visão crítica, bem como a consciência quanto à tomada de decisões e de julgamentos que forem necessários.

Nesse sentido, de acordo com Benson (2008), a autonomia do professor envolve a responsabilidade pelo processo de ensino. Por isso, de acordo com o autor, a autonomia do professor pode ser desenvolvida através de intervenções educacionais paralelas àquelas que levam ao desenvolvimento da autonomia do aprendiz. Desse modo, “os cursos de formação docente não deveriam apenas ensinar os professores em formação sobre a ideia de autonomia do aprendiz, eles deveriam também orientar a autonomia docente como um objetivo” (BENSON, 2008, p.428). O autor afirma que a autonomia do professor e a autonomia do aluno não são atributos de pessoas diferentes, mas sim atributos da mesma pessoa em momentos distintos e provavelmente sobrepostos na carreira docente e discente individual (BENSON, 2008, p. 434).

Além da autonomia, sabemos que o uso de recursos digitais é uma demanda para as salas de aula da educação básica, de acordo com documentos oficiais. A atual Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018) enfatiza o uso das novas tecnologias digitais para o trabalho com os alunos no ensino fundamental, em todas as áreas. Segundo o documento, dentre as competências que devem ser desenvolvidas na sala de aula está:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (p. 9).

Logo, percebemos que o uso de tecnologias em sala de aula é apresentado como uma competência necessária, de forma que os professores precisam também estar preparados para elaborar atividades com elas. As habilidades que envolvem a compreensão significativa e crítica do uso desses recursos, em práticas sociais, são consideradas relevantes e, por isso, a formação docente deve também abranger esse tipo de trabalho.

Com relação ao ensino de inglês, a BNCC prevê, como competência, o trabalho com gêneros textuais diversos, sejam eles verbais ou híbridos, os quais são potencializados pelos meios digitais (BRASIL, 2018, p. 244). Além disso, o documento propõe o uso de “novas tecnologias, com novas linguagens e modos de interação, para pesquisar, selecionar, compartilhar, posicionar-se e produzir sentidos em práticas de

letramento na língua inglesa, de forma ética, crítica e responsável” (BRASIL, 2017, p. 246). Ao analisar essa proposição, fica evidenciada a necessidade da formação docente para passar, além do desenvolvimento da autonomia, a utilização de tecnologias não só para o estudo, mas também para o planejamento de atividades. Ambas são características necessárias, seja enquanto aluno, seja enquanto profissional atuante na área.

Desse modo, a partir das seções apresentadas, busca-se analisar os dados coletados nas entrevistas a fim de verificar: 1) se os docentes consideram seus alunos autônomos; 2) de que formas os docentes do curso instigam/despertam a autonomia em seus alunos; 3) se os professores utilizam as Novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (NTDIC) em suas aulas; e 4) se, na opinião dos professores, o uso das tecnologias pode auxiliar o aprendizado de uma língua adicional e no desenvolvimento da autonomia.

A seguir, apresentaremos o contexto do curso no qual a pesquisa apresentada neste artigo foi desenvolvida; além disso, detalharemos a metodologia de coleta e de análise dos dados.

3. METODOLOGIA

O trabalho de pesquisa, apresentado neste artigo, foi realizado a partir de entrevistas conduzidas com os oito professores que atuavam na área de ensino de língua inglesa no Curso de Licenciatura em Letras - Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e suas Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, no Campus Bagé, no ano de 2018. A UNIPAMPA é uma universidade multicampi, localizada no estado do Rio Grande do Sul, que possui 10 campi divididos em regiões de fronteiras tanto com o Uruguai, quanto com a Argentina, a fim de auxiliar o desenvolvimento dessas regiões e promover uma interação entre as diversas culturas existentes naquela região.

Esse Curso de Letras é o único do Brasil que oferece a formação docente com habilitação em duas línguas adicionais: inglês e espanhol, constituindo-se em um contexto multilíngue de não imersão. De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso, a definição de “língua adicional” foi adotada pelo fato de que são línguas que se

adicionam ao repertório do acadêmico, trazendo um impacto positivo na sua bagagem como futuro professor. Assim, os professores em formação apropriam-se de ambas línguas junto à língua portuguesa (ou qualquer que seja sua língua materna), de modo a fortalecer laços e construir uma identidade do ser docente (UNIPAMPA, 2019).

O conceito de língua adicional (LA), de acordo com Leffa e Irala (2014), não é definido pela distância geográfica entre o lugar onde está o aprendiz e o lugar onde a língua é falada, mas sim pela relação do aluno com essa língua que será estudada. Logo, o aprendiz irá adicionar essa nova língua às já adquiridas por ele. Para os autores, “a língua adicional é construída a partir da língua ou das línguas que o aluno já conhece.” (LEFFA; IRALA, 2014, p. 13).

Além disso, essas línguas são consideradas “como parte dos recursos necessários para a cidadania contemporânea: são úteis e necessárias para nós, em nossa própria sociedade, e não necessariamente estrangeiras” (SCHLATTER; GARCEZ, 2012, p.). Ainda segundo os autores, tais línguas são usadas para a interlocução entre pessoas de diversas formações socioculturais, o que diminui a necessidade de distinção entre as nacionalidades.

Nesse contexto, foi realizada uma pesquisa de característica qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1999) e, com ela, buscamos averiguar as percepções dos docentes, que atuam no referido curso na área de ensino de língua inglesa, com relação:

- (1) ao estudo da autonomia e da aprendizagem de línguas;
- (2) à utilização das NTDIC e a sua relação com a autonomia; e
- (3) ao papel da formação inicial docente no desenvolvimento da autonomia.

Os docentes serão identificados como: P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7 e P8. A ferramenta de coleta de dados utilizada nesta pesquisa foi a entrevista individual, a partir de oito perguntas abertas, gravadas em áudio, transcritas e, por último, analisadas qualitativamente, a partir do referencial teórico apresentado na seção anterior. Optamos pela utilização da entrevista por ser uma técnica de interação social, com caráter exploratório e relativamente estruturada (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 72). Destacamos aqui que a transcrição preservou a forma como os sujeitos responderam, com a manutenção de marcas de linguagem. Em alguns momentos, apresentamos o símbolo [...] para ilustrar trechos que não foram trazidos. Além disso, houve algumas

interações com os entrevistadores que também foram mantidas. Neste caso, a identificação foi como “E”.

Neste artigo, apresentaremos a análise de cinco das oito perguntas utilizadas na condução das entrevistas. São elas:

- 1) Como você define as Novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, as NTDIC?
- 2) Você faz uso das Novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação nas suas aulas?
- 3) O que é autonomia? Você considera os seus alunos autônomos aqui do Curso de Letras Línguas Adicionais?
- 4) Em sua prática docente, você instiga ou desperta a autonomia em seus alunos?
- 5) Você acha que fazer uso das NTDIC em suas aulas pode influenciar positivamente o aprendizado de inglês dos seus alunos?

Passamos, a seguir, para a análise e discussão dos dados advindos das referidas entrevistas.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção, apresentaremos os dados obtidos a partir das respostas dos docentes às perguntas de pesquisa, apresentadas anteriormente. Para tal, serão analisadas as respostas para cada uma das perguntas e, ao final, retomaremos os nossos objetivos de pesquisa, os quais são averiguar:

- 1) se os docentes consideram seus alunos autônomos;
- 2) de que formas os docentes do curso instigam/despertam a autonomia em seus alunos;
- 3) se os professores utilizam as NTDIC em suas aulas;
- 4) se, na opinião dos professores, o uso das tecnologias digitais pode auxiliar no aprendizado de uma língua adicional e no desenvolvimento da autonomia.

Para tal, esta seção será dividida em quatro partes: cada uma delas referente a um desses objetivos.

4.1 Autonomia dos alunos na visão dos docentes

Os participantes desta pesquisa foram questionados, inicialmente, sobre a forma como definem autonomia. A maioria dos professores destacou que ser autônomo significa ser independente e não esperar a resposta pronta do professor, sendo este apenas um guia para alcançar a aprendizagem esperada.

Abaixo, são apresentados alguns excertos:

- P2 [...] autônomo, né, é ser capaz de realizar alguma coisa por si próprio [...].
- P4 [...] a autonomia ela tem a ver com algo que é feito pela vontade né, tem uma iniciativa desse sujeito de realizar algo autônomo, quando ele busca, quando ele é curioso, quando ele pergunta, quando ele vai atrás, por exemplo, no caso da docência, sem que o professor fale [...] mas na sala de aula tem que ser meio motivado então é, o professor tem um papel importante nesse sentido a autonomia, autonomia na sala de aula não necessariamente ela vai acontecer a partir da autonomia, porque alguns alunos não sabem ser autônomos, então eles tem que aprender a ser, e aí vem o papel do professor de criar estratégias para desenvolver essa autonomia, né?
- P5: autonomia é prover, assim, elementos, quando tu provê pra os alunos elementos mais claros do que é esperado né, então eu acho que daí tu dá autonomia aos alunos para irem naquele sentido de pesquisar assim o que que eles vão fazer dentro daquilo mas eu acho que o papel do professor é esclarecer com muita precisão [...] o que que realmente o professor quer.
- P6 [...] Autonomia é a capacidade de aprender sozinho, a capacidade de buscar os meios, utilizar esses meios de forma autônoma de forma individual sem ajuda [...].
- P8 [...] característica da pessoa autônoma sabe, é ela ser curiosa, e ela ser investigativa, ser, sabe, fazer pergunta e tentar achar um meio de chegar naquele final [...].³

Como fica evidenciado pelas escolhas lexicogramaticais destacadas acima, a autonomia, de acordo com os participantes desta pesquisa, está diretamente relacionada com capacidade, iniciativa, busca, pesquisa, investigação e curiosidade. Todas essas escolhas convergem para uma responsabilização do próprio aprendiz de línguas com relação à sua aprendizagem. Nessa perspectiva, o futuro professor, aprendiz de línguas, seria ator de sua própria aprendizagem, com participação ativa na tomada de decisões quanto às suas práticas de estudo ou escolhas de recursos para tal.

³ NOTA SOBRE TRANSCRIÇÃO: As transcrições foram feitas a partir da manutenção de todas as marcas de fala dos participantes.

Percebe-se, assim, que a definição de autonomia da maioria dos docentes vai ao encontro das características pontuadas por Holec (1981) e Little (1991), de independência e de proatividade. Os participantes da pesquisa falaram em “investigação” e “curiosidade” e da “busca pelos meios de realização de algo”. Além disso, percebemos que alguns docentes apontam para a necessidade de a autonomia ser instruída, como sugerido por P4 e P5. Desse modo, embora a autonomia seja uma potencial característica, que todos nós podemos desenvolver, os discentes podem não saber como agir ou estudar autonomamente. Alguns professores acreditam, assim, que a autonomia deveria também ser trabalhada em sala de aula, como aponta Dickinson (1994). Podemos pensar aqui que há potencialidades para o estímulo e para a instrução sobre como desenvolver a autonomia nas práticas de estudo ao longo do percurso formativo desses discentes.

Os docentes também foram questionados se consideram seus alunos autônomos. Nessa perspectiva, os professores revelaram que seus alunos não são, em sua maioria, autônomos, visto que, muitas vezes, ainda dependem das instruções dos professores para estudar.

Abaixo, apresentamos alguns excertos que evidenciam essa percepção dos docentes:

P5: Tá, Então eu acho que, eu não sei se os alunos são autônomos, na minha percepção, assim, as coisas de sala de aula, digamos que, talvez, 35% - 40% dos alunos numa sala de aula sejam.

P6: Nem todos. Diria que a minoria é autônomo, digamos uns 30% acho que consegue já ser autônomo.

P7: Eu acho que não, eu acho que a autonomia não é uma característica, assim, na maioria dos alunos.

P8: [...] acho que alguns dos nossos alunos são autônomos, mas são muito poucos [...]. Alguns, não sei se chega a 50% dos meus alunos

De acordo com as evidências acima, podemos observar que, para esses docentes, a maioria dos seus alunos não apresenta comportamentos autônomos em sala de aula ou referentes às suas práticas de estudos. Ainda com relação às respostas dos entrevistados para essa pergunta, destaca-se, aqui, algumas opiniões distintas dos docentes P3, P6 e

P8 com relação ao papel das NTDIC na atuação autônoma dos alunos, como observamos nos excertos abaixo:

P3: Então, eu percebo assim que é como se fosse assim inversamente proporcional sabe quanto mais tecnologia menos autonomia e deveria ser ao contrário [...].

P6: [...] os alunos estão ficando cada vez mais autônomos provavelmente por causa do acesso à tecnologia da informação.

P8: Não, acho que em pleno século XXI, estou com alguns alunos, talvez cada vez menos alunos autônomos [...].

Esses relatos apontam para o fato de que o acesso às tecnologias pode auxiliar no desenvolvimento da autonomia dos alunos, ao mesmo tempo em que pode não exercer influência positiva nesse processo. Tais opiniões distintas podem estar relacionadas às experiências que esses professores formadores vêm presenciando ao longo da sua trajetória como docentes, com grupos de alunos com motivações distintas, os quais podem ser provenientes de contextos escolares e sociais diversos.

Retomamos, aqui, a colocação de Chik (2018) sobre a necessidade de que os alunos, ao utilizarem os meios digitais para a aprendizagem de línguas, também assumam responsabilidade com relação a esse uso, isso é, em relação às escolhas que envolvam os dispositivos, as fontes e os recursos que serão utilizados para a aprendizagem. Dessa forma, a autonomia perpassa também o domínio dos alunos sobre os dispositivos digitais e os conteúdos que acessam por meio deles.

4.2 Relação entre a autonomia discente e as práticas docentes

Quando os docentes foram questionados se instigam ou despertam a autonomia dos seus alunos de língua inglesa, a maior parte dos professores afirma que tenta despertar uma certa independência nos discentes através de questionamentos ou dicas. Podemos observar as estratégias utilizadas pelos docentes nos excertos abaixo:

P1: [...] eu tento, eu digo para eles assim a:: vocês podem procurar, coloquem ali no Google tal um tópico da aula que vocês vão achar muita coisa e tal eu tento dá umas dicas assim de como eles podem fora da sala de aula encontrar material assim né.

P2: [...] eu estimo pela pesquisa, pesquisa de temas né, do assunto, eu tento organizar os assuntos como [...] faço nas aulas, mas eu estimo a pesquisa, principalmente a pesquisa na internet né [...].

P3: a gente pode em si pensar no ensino como o ensino - aprendizagem de andar de bicicleta [...] então primeiro a gente precisa ver alguém andando de bicicleta [...] e depois a gente precisa ter contato com a bicicleta, e tocar né, e sentar na bicicleta tentar andar e cair um pouquinho né. [...] então não basta a gente a gente está no nosso lugar de professor universitário e pensar ai essa geração aí é muito dependência essa geração não vai atrás entendeu quando na verdade a gente também não faz a nossa parte em sala de aula que é ensinar como funciona esse processo de de independência né e de autonomia em todos os quesitos da vida porque eu acho que vai tocar em outras coisas também né.

P4: [...] eu vou tentar despertar essa autonomia intelectual como eu falei por exemplo a partir de perguntas [...].

P6: sim com certeza por pequenas coisas, com essa procura aí no Google, não me pergunta, é uma forma de estimular a autonomia.

P1: Como eu defino, eu acho que, bom, não sei como definir direito assim, mas acho que são mídias que já estão fazendo parte assim né da vida de todo mundo, pessoal dentro da educação também né, eu acho que é isso sim né.

P3: Como eu defino, assim, eu não tenho uma definição acadêmica sobre as novas tecnologias digitais, mas eu acho que a gente pode dizer que são tecnologias onde as pessoas têm acesso mais democrático né.

P4: São todos aqueles aparatos tecnológicos ou instrumentos tecnológicos que possibilitam uma comunicação mais acelerada [...].

P6: São tecnologias de informação de disseminação de informação [...].

Como podemos observar, P1 e P3 sabem o que são as Novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, embora não tenham, nas suas visões, uma definição acadêmica ou técnica para o termo. Já os professores P4 e P6 acreditam que as NTDIC possibilitam uma comunicação e uma troca de informações com mais facilidade, como, por exemplo, o computador e o celular.

Além disso, destacam-se, aqui, excertos dos docentes P2 e P4 que, durante a entrevista, ressaltaram o fato de que a palavra “tecnologia” pode ser um termo muito abrangente, visto que antes “o giz e o quadro negro” já foram considerados um “avanço tecnológico”, como podemos ver nos seguintes trechos:

P2: [...] Tecnologia é muita coisa né, tecnologia pode ser muita coisa né um giz, caneta, quadro [...].

P4: Essas tecnologias estão sempre relacionadas também às anteriores, velhas digamos assim né, então a gente não deixa de ter a televisão, o próprio lápis né, uma tecnologia importante ainda né [...].

Quando os docentes foram questionados sobre o uso dessas novas tecnologias em sala de aula, a grande maioria afirmou que utiliza as NTDIC nas suas aulas, principalmente nas de língua. Eles afirmaram que a escolha dos recursos utilizados ocorre de acordo com a metodologia e o perfil da turma para quem as aulas serão ministradas. Podemos observar que os recursos mais citados pelos professores foram: *Facebook*, *Google Drive*, vídeos, plataformas digitais, tanto em celulares quanto em *notebook*, conforme as falas apresentadas a seguir:

P2: [...] o livro didático que eu conheço [...] tem uma plataforma digital também que dá para usar nessa lousa digital [...].

P3: [...] depende muito da disciplina assim, sabe, por exemplo, eu percebo que nas disciplinas de língua eu utilizo [plataformas digitais] mais do que nas disciplinas [de outra área] [...].

P5: [...] Eu gosto do *Google Drive* [...] eu usei aquele *Kahoot*, eu acho que aquilo é divertido acho que ele faz com que a gente pense questões que não às vezes não são muito são mais superficiais [...] o *Moodle*, uso ah:: grupo no *Facebook*, eu uso o *Moodle* institucional, *WhatsApp* eu também tenho usado né porque eu acho que o *Whatsapp* é mais rápido do que o grupo no face, eu acho que os alunos respondem mais, então agora eu tenho feito grupos no *Whatsapp*.

P6: [...] Por exemplo, uso de computador, datashow, slides, áudios, vídeos capturados da internet ou de materiais didáticos uso em todas as aulas. Faço o uso do *Moodle* quando dou estágio [...].

P7: [...] Eu posso pedir alguma atividade ou alguma postagem via *Facebook* alguma pesquisa usando o *Google* tá nesse sentido sim, mas já trouxe exemplos do *Instagram* como exemplos de postagem, enfim [...] trabalhar com vídeos, vídeos de redes sociais também, especialmente o *YouTube*, *TED Talk* [...], mas basicamente sempre usando o computador e o celular como meio né e redes sociais [...] como ferramenta desse meio [...].

A partir desses excertos, podemos observar que o recurso mais citado foi o *Facebook*, que é uma plataforma na qual os professores e alunos podem publicar conteúdos referentes à aula, tarefas e trabalhos que sejam pensados para essa rede social. Além do *Facebook*, o *Youtube*, *Google*, *Google Drive*, *Moodle* e o *Whatsapp* e *Youtube* também foram citados pelos docentes como ferramentas digitais que ajudam e otimizam o processo de ensino-aprendizagem da língua adicional. Na opinião dos docentes entrevistados, as redes sociais são meios que propiciam a conexão dos aprendizes e facilitam o acesso à informação, além do contato com a língua inglesa.

4.4 Uso das NTDIC para aprendizagem de inglês e desenvolvimento da autonomia dos discentes

Por último, questionamos se os docentes acreditavam que o uso das NTDIC poderia influenciar positivamente na aprendizagem da língua inglesa. Todos os professores afirmaram que sim e relataram utilizar recursos a fim de estimular o aluno a estudar a língua inglesa:

P3: Com certeza. (E: Por quê?) Porque justamente as tecnologias, elas vão fazer esse processo, [...] elas vão auxiliar no processo de autonomia do aluno, eu acho que, nesse sentido, sim.

P5: acho que sim (E: Por quê?) como ferramenta de escrita não tem como não usar a tecnologia né, a escrita é através da tecnologia, então não tem como prescindir dela, não é o caso né.

P6: [...] se eu utilizar um recurso como um áudio, um vídeo, e utilizar isso de forma efetiva com a estratégia adequada, eu posso tá estimulando o aprendizado de um melhor do que dizer para eles irem para casa assistir um filme, por exemplo.

P7: dependendo acho que da proposta da atividade, sim, né, não só da proposta da atividade como a forma como o aluno encara essas atividades, né, então eu acho que tem, depende muito da atividade e de como os alunos encaram essa atividade, a proposta, né.

P8: Pode com certeza, porque o aluno está muito conectado nessas questões tecnológicas e ele precisa aprender a gastar seu tempo com as questões tecnológicas de forma produtiva (...).

Conforme fica evidenciado pelos excertos acima, as tecnologias são vistas, pelos participantes desta pesquisa, como uma possibilidade de “auxílio à autonomia” de seus discentes, de “ferramenta de escrita”, de “estímulo à aprendizagem”, “de proposta de atividade” e da forma como o aluno recebe essa atividade, “de conexão” positiva e produtiva à aprendizagem. Dessa forma, percebemos que os docentes compreendem que os recursos digitais podem exercer um papel importante no processo de aprendizagem dos alunos. De acordo com alguns docentes, esse papel depende da proposta de atividade ou da estratégia utilizada pelo professor, além da forma como os alunos as utilizam. Retomamos, assim, além da importância do direcionamento e do suporte oferecido pelos docentes, a relevância de os alunos desenvolverem

responsabilidade pela sua aprendizagem através do uso dos recursos digitais (CHIK, 2018).

Por fim, os professores foram também questionados se acreditavam que as NTDIC poderiam influenciar seus alunos como futuros professores de inglês. Da mesma forma que na questão anterior, todos os docentes afirmaram que sim, conforme evidenciado pelos seguintes excertos:

P1: Eu imagino que sim (E: Como?) eu acho que como um exemplo também dos professores usando é uma forma de eles também eles se instigarem também a usar né [...].

P3: Elas podem influenciar porque assim, os nossos alunos, a gente tá formando professores né, se os nossos alunos dentro da graduação não tiverem contato com as NTDICs em sala de aula, enquanto alunos, eles não vão usar isso depois como professores. Porque a gente, como ser humano, tem tendência a repetir né, a gente ensina conforme a gente aprendeu.

P4: Eu acredito que sim, daí eu vou partir daquela resposta que eu dei antes, justamente de quê muito do que eu faço tem a ver com o modo que eu aprendi, e eu tenho acreditado cada vez mais nisso [...].

Nota-se que, para esses docentes, o exemplo dado em sala de aula é fundamental para a formação de futuros professores. Sendo assim, a futura atuação docente em sala de aula, desses professores em formação, poderá ser influenciada por práticas de seus professores formadores – atuantes em Cursos de Licenciatura. Além disso, retomamos que o uso das NTDIC é uma necessidade apontada em documentos oficiais da Educação, como a Base Nacional Comum Curricular (2017), de modo que essa formação também torna-se relevante para preparar os alunos para essa demanda.

Após a análise e a discussão dos dados, podemos concluir que, de acordo com a percepção da maioria dos entrevistados, embora haja uma instigação para que os alunos desenvolvam comportamentos autônomos e as tecnologias e ferramentas digitais sejam inseridas em sala de aula, nem todos os alunos do Curso são autônomos. Além disso, o uso das NTDIC por esses discentes não parece influenciar positivamente no desenvolvimento desse comportamento. Os docentes afirmaram, também, que as NTDIC podem ser vistas como uma possibilidade de desenvolvimento da autonomia de acordo com as propostas de atividade, com as estratégias de ensino utilizadas e com a forma como os alunos fazem uso de tais recursos digitais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo neste texto foi conhecer as perspectivas de docentes de língua inglesa, atuantes no Curso de Letras – Línguas Adicionais da UNIPAMPA, com relação à autonomia dos seus alunos para aprendizagem de línguas, ao uso das NTDIC em suas salas de aula e à sua relação com a autonomia e a aprendizagem de inglês.

Com base na análise das entrevistas, à luz da literatura pertinente à temática, é possível ponderar que:

(1) com relação à autonomia dos discentes, os professores entrevistados acreditam que a maioria não é autônoma. Logo, esses professores, por acreditarem que a autonomia possa ser ensinada, tentam estimulá-la em seus discentes através, especialmente, do incentivo à curiosidade com vistas à pesquisa;

(2) quanto ao uso de NTDIC e a sua relação com a autonomia discente, todos os docentes afirmam usar tecnologias digitais em sua sala de aula e acreditar que elas não só estimulam a aprendizagem de língua inglesa, mas que também influenciarão as práticas desses discentes como futuros professores;

(3) referente ao uso das NTDIC pelos alunos, fora da sala de aula, ele não indica, necessariamente, que surgirão comportamentos mais autônomos para a aprendizagem;

(4) com relação ao uso de tecnologias digitais no contexto educacional e ao incentivo de práticas autônomas, os participantes desta pesquisa afirmam que as NTDIC podem facilitar a comunicação e a troca de informações entre os indivíduos no cotidiano; sendo assim, são recursos imprescindíveis para a sala de aula de línguas.

A partir dessas considerações, entendemos que, embora o uso das NTDIC seja considerado importante para estimular a aprendizagem autônoma da língua inglesa, a maioria dos discentes não é considerada autônoma. Nesse sentido, parece haver, portanto, a necessidade de que a autonomia seja mais estimulada e trabalhada em sala de aula, a fim de que os alunos possam aproveitá-la melhor para suas práticas de estudo de língua inglesa.

Um dos desafios que parecemos enfrentar, então, é o de propiciar situações de ensino as quais favoreçam o desenvolvimento e o exercício da autonomia por parte de futuros professores de línguas no contexto do Curso de Licenciatura. Imbricada nessa

situação está, possivelmente, a sua futura prática docente que precisará lidar com as demandas tecnológicas relacionadas ao processo de ensino e de aprendizagem. Esperamos que as ponderações tecidas neste texto possam contribuir para a problematização e a desnaturalização da relação uso de tecnologias digitais – desenvolvimento de autonomia – formação inicial de professores. Com isso, tencionamos colaborar para que o desenvolvimento profissional de professores seja, cada vez mais, enaltecido com vistas a uma prática crítica e reflexiva.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*, 2018. Disponível em: Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acesso em: 03 dez. 2020.

BENSON, P.; HUANG.; J. Autonomy in the transition from foreign language learning to foreign language teaching. *D.E.L.T.A.*, 24:esp., 2008 P. 421-439. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/delta/v24nspe/03.pdf> Acesso em: 02 dez. 2020.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S.K. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora, 1994.

CARDOSO, G. L. Novas tecnologias digitais de informação e comunicação aplicadas à educação no Brasil: O estado da arte. *REVISTA DE LETRAS NORTE@MENTOS*, v. 9, n. 19, p. 185-200, jul./dez. 2016.

CHIK, A., JONES, R. H.; HAFNER, C. A. (2015) Discourse analysis and digital practices. In: *Discourse and Digital Practices: Doing discourse analysis in the digital age*. Routledge, London, p. 1-17. ISBN 9781138022331

CHIK, A. *Autonomy in Language Learning and Teaching*. Palgravemacmillan. 2018.

DICKINSON, L. Learner autonomy: what, why and how? In: LEFFA, V.J. (Ed) *Autonomy in Language Learning*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994. my in *Language Learning*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994.

FONTANA, N.M. Autonomia: Requisito na Formação do Professor de Línguas para Fins Específicos. *The ESpecialist*, v. 29, nº especial, 2008, p.1-17. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/6203/4527> Acesso em: 02 dez. 2020.

FRANCO, C.P. Revisitando o conceito de autonomia no ensino-aprendizagem de línguas como sistema adaptativo complexo. *Educ. rev.*, Belo Horizonte, v. 29, n. 3, p. 121-142, set. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982013000300006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 dez. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982013000300006>.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. (Orgs). *Métodos de Pesquisa*. 1ª Ed., 2009. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HOLEC, H. 1981. *Autonomy and Foreign Language Learning*. Oxford: Pergamon. First published [1979], Strasbourg: Council of Europe.

LEFFA, Vilson J.; IRALA, V. B. O ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas. In: LEFFA; Vilson J.; IRALA, Valesca B. (Orgs.). *Uma espiadinha na sala de aula: ensinando línguas adicionais no Brasil*. Pelotas: Educat, 2014, p. 21-48.

LITTLE, D. Constructing a theory of learner autonomy: some steps along the way. 2007

LITTLE, D. *Learner Autonomy 1: Definitions, Issues and Problems*. Dublin: AuthentikLanguage Learning Resources, 1991.

MARTINS, D.S.; MACIEL, A.M.N. A IMPORTÂNCIA DA AUTONOMIA PARA A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA. *Disciplinarum Scientia. Série: Artes, Letras e Comunicação*, Santa Maria, v.1, n.1, p.89-110, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumALC/article/viewFile/751/697> Acesso em: 23 Mar. 2021.

MOTA, Vanessa Moreno. A aprendizagem móvel e a autonomia de aprendizes de língua inglesa. In: NICOLAIDES, C.; MAGNO E SILVA, W. (Orgs.) *Innovations and challenges in applied linguistics and learner autonomy*. Campinas, SP: Pontes Editores, 1ª ED. V. 1, p.149-166, 2017.

NICOLAIDES, C.; MAGNO E SILVA, W. (Orgs.) *Innovations and challenges in applied linguistics and learner autonomy*. Campinas, SP: Pontes Editores, 1ª ED. V. 1, 2017.

PAIVA, V. L. M. O. Autonomia e complexidade. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.9, n.1, p.77-127, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15628>. Acesso em: 02 dez. 2020.

RAMOS, D. K. As tecnologias da informação e comunicação na educação: reprodução ou transformação? *ETD – Educ. Tem. Dig.*, Campinas, v.13, n.1, p.44-62, jul./dez. 2011. ISSN 1676-2592.

RODRIGUES, L.C.B. A Formação do Professor de Língua Estrangeira no Século XXI: entre as antigas pressões e os novos desafios. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 19/2, p. 13-34, dez. 2016. Disponível em:
<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/21848> Acesso em: 23 Mar. 2021.

SCHLATTER, M.; GARCEZ, P. *Línguas adicionais na escola: aprendizagens colaborativas em Inglês*. Erechim: Edelbra, 2012.

SILVA, R. C.M. da. AUTONOMIA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NO CONTEXTO ACADÊMICO. Anais do XII Congresso Nacional da Educação. ISSN 2176-1396. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2015. P. 14775-14785. Disponível em:
https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21009_9622.pdf Acesso em: 30 Abr. 2020.